



JOIN
ENCONTRO INTERNACIONAL DE
JOVENS INVESTIGADORES
EDIÇÃO BRASIL

À TERCEIRA MARGEM: A BELEZA ALÉM DO SENSÍVEL

Rafaela de Abreu Gomes (autora)

Odalice de Castro Silva (orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

abreurafaela@live.com.pt

RESUMO

Pensar a respeito da beleza das coisas que estejam situadas em espaço e tempo definidos é, talvez, um dos exercícios mais difíceis aos quais pode dedicar-se uma pessoa, seja porque considerar algo belo é uma questão mais subjetiva, sem critérios fixos, seja porque pensar sobre a beleza não é ato visto como um dos mais relevantes para a vida em sociedade. Tal exercício alça graus de dificuldade ainda maiores, se quem a ele quer dedicar-se tem em perspectiva a construção de uma discussão metodológica que tome a beleza como um objeto de análise capaz de construir imagens para além do sensível. Assim, como estudiosos de literatura, interessa-nos verificar de que modo a beleza está presente numa obra literária e qual a relevância de pensarmos sobre isso. Sabemos que um texto ficcional é, por natureza, polissêmico e, por esse motivo, não há um único sentido a apreender, a partir dele; diante disso, esclarecemos: este é um exercício de discussão sobre a beleza, com base em elementos retirados da ficção. Para tanto, analisaremos o conto “A terceira margem do rio” (1962), de João Guimarães Rosa, cujo título será o mote principal de nosso estudo. Ao questionarmos a relevância de encontrar beleza num texto literário, temos em perspectiva duas questões sérias: a primeira diz respeito ao fato de que o estudo do texto ficcional e de suas possibilidades de sentido não é matéria à qual se atribua grande relevância social. A segunda, apreendida a partir da primeira, está ligada à compreensão crítica que um estudioso de literatura deve ter: ela não facilita a realidade, mas, através dela, construímos uma consciência crítica, tornamo-nos mais lúcidos para pensarmos nos motivos que diminuem a relevância de pesquisarmos, por exemplo, sobre a beleza. Mais uma vez a literatura nos conduz a um entremeio, um lugar dialético, a partir do qual pensamos sobre questões ligadas à nossa própria vida, atentos a nossas margens, sob o risco de sentirmos forte medo ao nos aproximarmos delas.

PALAVRAS-CHAVE: Texto literário, João Guimarães Rosa, Leitura.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br



JOIN
ENCONTRO INTERNACIONAL DE
JOVENS INVESTIGADORES
EDIÇÃO BRASIL

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

“Água da palavra/Água calada pura
Água da palavra/ Água de rosa dura
Proa da palavra/ Duro silêncio, nosso pai
Margem da palavra/ Entre as escuras duas
Margens da palavra/ Clareira, luz madura
Rosa da palavra/ Puro silêncio, nosso pai.”

(“A terceira margem do rio”, Milton Nascimento/ Caetano Veloso. In: *Circuladô*, 2011).

Pensar a respeito da beleza das coisas que estejam situadas em espaço e tempo definidos é, talvez, um dos exercícios mais difíceis aos quais pode dedicar-se uma pessoa, seja porque considerar (ou não) algo belo é uma questão mais íntima, sem critérios fixamente estabelecidos, seja porque pensar sobre a beleza não é ato visto como um dos mais relevantes para a vida em sociedade. Tal exercício alça graus de dificuldade ainda maiores, se quem a ele quer dedicar-se tem em perspectiva a construção de uma discussão metodológica, que tome a beleza como um objeto de análise capaz de construir imagens para além do mundo sensível.

Sabemos que há muitos estudos sobre o assunto; no *Fedro*, de Platão, já encontramos uma discussão central a esse respeito, a partir da relação entre o amor e a beleza. Em Plotino, os entendimentos de belo e do bem confluem para um sentido comum; em Kant, o belo deve ser desvinculado de qualquer tipo de interesse. Podemos dizer, então, que muitos filósofos representativos da filosofia ocidental se debruçaram sobre a beleza, em algum momento de suas obras. Todavia, não faz parte de nosso propósito escrever uma espécie de descrição do conceito de belo ao longo da história.

Como estudiosos de literatura, interessa-nos, neste ensaio, verificar de que modo a beleza está presente numa obra literária e qual a relevância de pensarmos sobre tal presença. Nós sabemos que um texto ficcional é, por sua natureza, polissêmico e, por esse motivo, não há um único sentido a apreender, a partir dele; diante disso, esclarecemos: este ensaio é um exercício de discussão sobre a

(83) 3322.3222
contato@joinbr.com.br
www.joinbr.com.br

beleza, com base em elementos retirados da ficção. Para tanto, tomaremos como texto de análise o conto “A terceira margem do rio (1962)”¹, cujo título será o mote principal de nosso estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando pensamos em discussões como esta que ora propomos, sobre questões para as quais não há consenso, os textos ficcionais são fundamentais porque, neles, encontramos ampla possibilidade de significação todas as vezes em que os lemos – mesmo a releitura sugere novas percepções a um leitor. Nesse sentido, é relevante retomarmos uma reformulação, feita por Antoine Compagnon, acerca da literatura. Diz ele: “(...) ao lado da pergunta central desde Lamartine, Charles Du Bo e Sartre, 'que é a literatura?', questão teórica ou histórica, coloca-se hoje mais seriamente a pergunta crítica e política: 'o que a literatura pode fazer?’” (COMPAGNON, 2012, p. 28).

Seria irrelevante, em nosso entendimento, dizer, inocentemente, se há (ou não) beleza no conto de Guimarães Rosa, apenas. É preciso ter em perspectiva o fato de que o texto literário está ligado diretamente ao humano e todas as suas possibilidades de sentido dizem respeito a ele. Assim, encontrar elementos que apontem para a complexidade do conto de Rosa, a partir de seu título, é um exercício que conflui para o questionamento de Compagnon acerca da literatura, isto é: se há beleza na 'terceira margem', de que nos serve discuti-la?

Está lançada a questão central deste ensaio. Ela está ligada, também, ao *engagement*² proposto por Jean-Paul Sartre, em *Que é a literatura?* (1948). Este ensaio se coaduna com tal perspectiva no sentido de que a literatura, como dimensão do humano, tem função social (não político-partidária) no que se refere a lançar questões acerca da natureza do homem, a fim de que ele possa compreender a si próprio, em relação com a sociedade, de um modo mais crítico. Dito isso, vamos à 'terceira margem'.

A travessia textual em “A terceira margem do rio” é feita, pelo leitor, com algumas dificuldades, relacionadas a um entendimento acerca da escolha da personagem 'pai' pela permanência numa instância que vai além das duas margens de um rio. Depois de leituras e releituras, talvez o leitor sinta algum descontentamento ao perceber que não há explicação lógica, no universo sensível, para o que seja a terceira margem, à qual o pai vai de encontro e de onde não volta mais. Além disso, é possível que o mesmo leitor tenha em mente uma série de questões a respeito dessa decisão: quererá

1 In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*: volume II. RJ: Nova Aguilar, 1994.

2 In: SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* SP: Ática, 2004



saber por que razão o pai abandona sua família ou por quais motivos o filho continua morando perto do rio, embora sozinho.

É natural que o texto suscite perguntas lógicas; entretanto, é preciso que o leitor tenha em mente, frente ao texto ficcional e poético, como é este que ora analisamos, que a temporalidade da ficção dá margem para que vários espaços e tempos distintos se entrecruzem, ou seja:

No texto poético, o nível objetivo da realidade converte-se em entidade ambital; é que o artista vê as coisas como âmbitos, não como simples entes. Sua inserção na realidade se dá de forma relacional, não apenas objetiva. O poeta alça-se da atitude comum, estática, para a dinâmica, relacional, criadora. Move-se, em seu entorno, entre realidades inobjetivas, descobrindo em cada uma delas uma confluência de encontros.” (ANDRADE, 2001, p. 146)

Enxergar âmbitos e entes é considerar aquilo que é, no universo textual, e aquilo que poderia ser ou, dito de outro modo, é reconhecer relações dialéticas no texto. Neste caso, pensando em lugares a ocupar, podemos dizer que as duas margens do rio representam aquilo que é, e a terceira margem, aquilo que poderia ser – e sobre isso pouco pensamos. Aquilo que poderia ser não precisa fazer parte do universo lógico e sensível ao qual estamos habituados. O texto literário, por situar-se em muitos âmbitos, ligados a entes, apresenta ao leitor questões objetivas ou não, o que nos remete para a verossimilhança³, na *Arte poética* de Aristóteles, isto é, para o que, sendo real ou não, é possível para o universo ficcional e nos convence.

Então, quando o filho nos conta que o pai sai de casa, numa canoa encomendada para tal fim, somos levados para esse outro âmbito, essa 'terceira margem' do rio. Como leitores, passamos a fazer parte do universo do conto e nos sentimos como que capturados pelo que lemos. Nesse momento, quando começamos a questionar a pertinência dessa outra margem do rio, nossa percepção expande horizontes e nós, concentrados que estamos na leitura, vislumbramos a terceira margem do rio. Eis o primeiro argumento apontado por nós para a beleza do conto: o vislumbre da terceira margem – Em nossa análise, elencamos quatro argumentos que confluem para pensarmos acerca da beleza, no texto de Rosa. O primeiro, já apontado, é o vislumbre da terceira margem. Ao longo da discussão, apresentaremos os outros três argumentos.

O apurado trabalho formal e estilístico que reconhecemos na escrita roseana também pode ser discutido em relação à beleza, mas nós não o faremos nesta ocasião. O percurso do belo, no texto, está ligado, nesta análise, à imagem de uma terceira margem para um rio. Uma imagem que nós

3 In: Aristóteles. *Arte poética*, 7 ed. Lisboa: Imprensa nacional

não conseguimos formular concretamente, mas que podemos vislumbrar, situados num lugar que, embora incerto e indefinido, é firme o bastante para sustentar o nosso vislumbre.

É preciso dizer que o texto em análise não será minimamente comentado por nós. As etapas deste trabalho são desenvolvidas com a perspectiva de que os possíveis leitores deste texto têm “A terceira margem do rio” em seu horizonte de leituras.

Agora que já podemos vislumbrar essa terceira margem, temos condições de pensar sobre ela. Esse nosso momento de vislumbre é o que Janilto Andrade chama de “instante de sentido” (ANDRADE, 2001, p. 167), isto é, o instante em que, como leitores, reconhecemos a beleza do texto, instante em que a encontramos. É preciso que se diga mais uma vez: a percepção da beleza não pressupõe imagens poéticas-lógicas, uma vez que, se o texto poético é complexo em significação, também o é quando atua sobre nossas expectativas. O texto nos 'atinge' não apenas pelo que lemos, mas pelo que sentimos a partir da leitura.

Para o vislumbre da terceira margem, podemos dizer que a camada linguística provoca em nós reações que suplantam a ela própria. Por um instante, somos levados a uma outra instância de nós mesmos, além das que conhecíamos até então. No texto, trata-se de uma 'terceira margem'; em nós, de um lugar para onde confluem elementos sensíveis e suprassensíveis, uma vez que a literatura é sentida como “(...) uma linguagem consciente, profunda, cheia de segredos, dada ao mesmo tempo como sonho e como ameaça” (BARTHES, 1971, p. 118).

Entre o sonho e a ameaça reside o segundo argumento que nos faz enxergar beleza, no conto. Estamos falando das reflexões que o vislumbre nos provoca, assim como o filho, que sentia a presença do pai em sua ausência, incluindo, em suas atitudes, ensinamentos paternos – mesmo quando estes não existiam senão em sua imaginação –, quando respondia aos outros: “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim” (ROSA, 1994, p. 412), também nós nos situamos entre o sonho e a ameaça. O filho está nesse entremeio porque não se distancia do rio, lugar de sonho (onde o pai está) e de ameaça ao mesmo tempo, porque representa o desconhecido da escolha paterna que não deixa de ressoar sobre a vida do filho. Quanto a nós, leitores, também estamos num entremeio, situados entre duas imagens poéticas, uma representando as duas margens de um rio e, por isso mesmo, cheia de lógica e outra, ilógica, com uma terceira margem para o mesmo rio.

Nesse entremeio, precisamos abandonar a tradicional discussão que opõe as realidades objetiva e subjetiva. Eis o segundo argumento para a beleza do conto: o abandono da discussão dicotômica entre objetividade e subjetividade, atitude fundamental para o leitor crítico de ficção; é

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br



aquilo a que Hans Robert Jauss chamou, na *Estética da Recepção* (1994)⁴, de “acordo” entre o leitor e o texto ficcional. Vislumbrando a 'terceira margem' e abandonando relações simplistas, nós entramos cada vez mais para essa instância profunda do texto roseano, que está também em nós, na medida em que construímos entendimentos, os quais não nos satisfazem quando os enxergamos de modo simplificador. Em linguagem platônica, poderíamos dizer que pensar a 'terceira margem' é lançar nosso olhar para o mundo das ideias, das essências, por exemplo.

Esse mundo, o das ideias, tem várias denominações. Podemos chamá-lo de absoluto, infinito, eterno; é preciso ter em mente o fato de que, apesar de estarmos diante de uma compreensão logicamente impossível à nossa natureza, isto é, a compreensão da essência das coisas, de sua origem, não podemos nos privar de pensar sobre ela, o que significa também refletir a respeito de nossa condição humana e de nossa própria vida. Quando o filho se aproxima do rio e pede que o pai volte, porque ele tomará o seu lugar na canoa e o pai atende ao pedido, eis a reação: “Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Por quanto ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão” (ROSA, 1994, p. 413).

Por que ele pede perdão não é o que responderemos – sabemos que o texto literário suscita questionamentos e reflexões, não respostas prontas ou possíveis definições. O fato é que a aproximação com a 'terceira margem' causa medo, pânico, culpa por não a termos buscado antes e por não podermos compreendê-la. É difícil, portanto, continuar a estabelecer argumentos que nos levem a crer na beleza desse texto, tomando por mote discursivo a imagem poética de uma terceira margem de rio – não estamos analisando a esfera linguístico-estilística, dizemos outra vez. Todavia, há beleza, sim. Vejamos o último parágrafo do texto:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (ROSA, 1994, p. 413)

O percurso que fizemos até aqui trouxe à discussão dois argumentos que nos mostram a beleza no conto. São estes: o vislumbre da terceira margem e o abandono de relações simplistas entre objetividade e subjetividade. O terceiro, podemos dizer, a partir do parágrafo citado, é a consciência que o filho desenvolve acerca de seu lugar, em confronto

4 In: JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como prov*

com as margens do rio, bem como de sua natureza, seus medos, limites e planos. Em nós, essa consciência está ligada diretamente à compreensão de que é preciso coragem para vislumbrar nossas margens, isto é, os muitos elementos que constituem em nós uma individualidade, e para nos aproximarmos delas todas as vezes em que isso seja necessário.

A beleza não segue nenhuma regra rigidamente estabelecida, já o dissemos. A obra de arte, neste caso o conto “A terceira margem do rio”, é que oferece ferramentas para pensarmos sobre o que, nela, é belo. Nós elencamos três argumentos que mostram, a partir de nossa leitura, porque o texto tem beleza. Obviamente não são únicos, exclusivos. São, isto sim, fruto de uma leitura crítica que, se repetida com vezes, com vezes encontrará outros tantos argumentos.

O mais importante, em nosso ponto de vista, é partirmos do texto analisado para construirmos nossos argumentos, em exercícios que seguem, do texto, para relações externas e não o contrário, sob o risco de partidarizarmos nossas análises e estudos, o que empobreceria o caráter polissêmico da obra literária. Todavia, não se confunda, neste ponto, partidarização com o *engagement* de Sartre, inicialmente comentado. Os dois termos são distintos; enquanto uma possível partidarização utiliza o texto literário como elemento confirmador de ideias individuais e/ou temáticas, o *engagement* corresponde a uma visão social do escritor, no sentido de que o ato da escrita está ligado ao real (não reproduzindo-o, mas recriando-o) e, por esse motivo, é também um ato social.

O importante, na sequência de argumentos que elencamos, isto é, em vislumbre, abandono e consciência, é observarmos como o leitor segue o ritmo do texto, capturado pela narrativa, e passa a dividir com a personagem “filho” as angústias de conviver com uma terceira margem de um rio que, aparentemente, só tem duas. Tais angústias são inerentes ao ser humano, elas estão em sua natureza, em sua essência, e ignorá-las só acarreta prejuízos no que se refere a uma compreensão mais crítica do que seja o processo de individualização, pelo qual todos passamos ao longo de nossas vidas.

Nesse sentido, os três argumentos, nessa obra de arte que é o texto de Guimarães Rosa, seguem para a mesma finalidade: “(...) revelar-se o homem a si próprio” (ANDRADE, 2001, p. 206). Eis o quarto e último argumento, que p

deste ensaio: de que serve discutir essa terceira margem? Dizemos: serve para revelarmo-nos, em alguma medida, a nós próprios. Alguém, todavia, poderá acrescentar uma série de outras questões e respostas; como dissemos, este é um exercício de discussão sobre a beleza que, nem de longe, pretendeu oferecer respostas fixas. A questão que levantamos é apenas uma, entre ampla possibilidade de outras mais. Para uma questão possível, uma resposta plausível, neste que é um exercício de compreensão crítica do belo.

Belo que não se dá a ver a partir de imagens poéticas harmoniosas, agradáveis e claramente construídas. Ao contrário, o belo, neste caso, angustia o leitor e o aprisiona no texto ao longo de sua leitura. Além de levá-lo a pensar para além da objetividade, quando confrontado com um terceiro elemento, ao qual ele não consegue atribuir definição alguma, tampouco construir uma imagem mental representativa. O belo, no texto de Rosa, apresenta o difícil caminho que nos leva às instâncias mais íntimas em nós. Nesse sentido é que, para o leitor, “A verdade da obra de arte é a verdade projetada em si próprio” (ANDRADE, 2001, p. 196).

CONCLUSÕES

Ao questionarmos a relevância de encontrar beleza num texto literário, temos em perspectiva duas questões sérias: a primeira diz respeito ao fato de que o estudo do texto literário e de suas possibilidades de sentido não é matéria à qual se atribua grande relevância social. A segunda, apreendida a partir da primeira, está ligada à compreensão crítica que um pesquisador/professor de literatura deve ter: a literatura não facilita a realidade, mas, lendo-a, construímos uma consciência crítica, tornamo-nos mais lúcidos para pensarmos, por exemplo, nos motivos que diminuem a relevância de pesquisarmos sobre o belo, sobre a beleza. Mais uma vez a literatura nos conduz para um entremeio, um lugar dialético, a partir do qual pensamos sobre questões ligadas à nossa própria vida, atentos para suas margens, mesmo sob o risco de sentirmos forte medo ao nos aproximarmos delas.

Como leitores da obra literária, sabemos o quanto ela pode oferecer à formação intelectual e social de pessoas e, por isso mesmo, devemos ultrapassar preconceitos e lugares



JOIN
ENCONTRO INTERNACIONAL DE
JOVENS INVESTIGADORES
EDIÇÃO BRASIL

comuns no que se refere a considerar desimportante o estudo do texto literário, cuja leitura consideramos fundamental para a compreensão crítica da natureza do humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Janilto. *Da beleza à poética*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

ARISTÓTELES. *Arte poética*. 7 ed. Lisboa: Imprensa nacional da Casa da Moeda, 2003.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia literária do Colégio de França*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do rio". In: _____. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.